

Reflexões sobre a figura feminina em Érico Veríssimo: o caso de Ana Terra

PEREIRA, Soeli ¹

THIMÓTEO, Saulo Gomes ²

RESUMO

Neste trabalho, lançamos um olhar mais aprofundado a respeito da figura feminina nas obras de Érico Veríssimo. Como objeto de estudo, utilizamos a personagem Ana Terra, do livro de nome homônimo. Assim, procuramos aprofundar nosso olhar para as características dessa personagem dentro da narrativa, utilizando artigos científicos concernentes ao tema e também trechos do livro supracitado. Como forma de contextualização, apresentamos uma biografia do autor gaúcho e sua importância na literatura nacional para, em seguida, apresentar a bibliografia de sua obra e como *Ana Terra* se situa em todo esse universo literário criado pelo autor. Também elencamos ao longo deste trabalho as relações que o autor faz entre Literatura e História. Desta forma, procuramos mostrar de que maneira a História, essa com H maiúsculo, de feitos reais e cientificamente comprovados por meio da Historiografia, estão, de certa forma, encaixados na ficção criada por Veríssimo.

Palavras-chave: Literatura, História, Ana Terra, Teoria Literária.

RESUMEN

En este trabajo echamos una mirada más profundizada a respecto de la figura femenina en las obras del escritor Érico Verissimo. Como objeto de estudio, utilizamos el personaje Ana Terra, del libro de nombre homónimo. Así procuramos profundizar nuestra mirada para las características de este personaje dentro de la narrativa, utilizando como base artículos científicos concernientes al tema y también partes del libro arriba citado. Como forma de contextualización presentamos una biografía del escritor y su importancia para la literatura nacional para, en seguida, presentar la bibliografía de su obra y como *Ana Terra* se ubica en este universo literario creado por el autor. También presentamos las relaciones que el autor hace entre Literatura e Historia. De esta forma procuramos mostrar de qué manera la Historia, esa con H mayúscula, de hechos reales y científicamente comprobados por

¹ Soeli Pereira Acadêmica da 9ª fase do curso de Graduação em Letras: Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Realeza/PR.

² Saulo Gomes Thimóteo Professor(a) da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Realeza/PR. Orientador do(a) acadêmico(a) Antonio Marcos Myskiw, no artigo elaborado para o Trabalho de Conclusão de Curso II.

medio de la Historiografía, están, de cierta forma, encajados en la ficción creada por Veríssimo.

Palabras-clave: Literatura, Historia, Ana Terra, Teoría Literaria.

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho surgiu após muita reflexão a respeito do autor, para então escolher o trecho da obra *O Tempo e o Vento*, denominado de “Ana Terra”. Se já havíamos definido que o tema do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado seria a respeito de Érico Veríssimo, no entanto, restavam incertezas de como pesquisar, escrever e condensar em poucas páginas reflexões sobre um escritor que escreveu e publicou durante mais de 40 anos, considerado um dos escritores mais celebrados do século XX? As incertezas foram se dissipando naturalmente, após realizarmos leituras na Componente Curricular de Literaturas catarinense, paranaense e sul-rio-grandense, ministrada pelo Professor Doutor Sergio Massagli. Destacamos aqui a leitura do livro *Ana Terra*. A personagem principal, dotada de força, determinação e paciência (a depender do que cada situação exigia), encantava e, ao mesmo tempo, nos entristecia. Começou com a relação que ela fazia entre o vento, elemento que podemos considerar um personagem onipresente durante a narrativa, e os acontecimentos mais importantes que ocorriam em sua vida (esse é um aspecto que vamos abordar ao longo desse trabalho).

Assim, quando resolvemos escolher o livro *Ana Terra* e que a personagem seriam os objetos de nossa atenção no Trabalho de Conclusão de Curso, resolvemos analisá-la sob uma perspectiva da figura feminina dentro da narrativa de Érico Veríssimo. Envoltas em um mundo machista e, de certa forma determinista que Ana Terra foi criada, acabou por definir o seu próprio destino, o que por si só foi um denominador da força que se extrai dessa personagem. Ademir Agostinho Sauthier (2008) chama atenção para esta característica:

Em Ana Terra, uma das mais salientes figuras de mulher, vemos dum lado a força do destino e do outro lado a plena vitória da pessoa sobre ele. Com Ana Terra o Rio Grande sai do mito e entra na História. Sai do mito, aqui entendido, numa visão de mundo repetitivo, sacral, rotineiro e guiado pelo destino. Entra na História, no sentido de que a pessoa humana quebra o “eterno retorno”, desfaz as cadeias que a prendem ao que “sempre foi”, e começa a criar um mundo a partir de suas convicções, seus planos, sua

criatividade. Rejeita a passividade imposta pelo destino e assume a sua vida nas mãos. É a coragem da inovação diante da rotina da repetição. É deixar na saudade as seguranças dum mundo fixo, preestabelecido e caminhar na insegurança dum novo mundo aberto e, por muitos aspectos, imprevisível (p.56).

Outro aspecto que não escapa ao leitor durante a obra são as relações que Veríssimo construiu entre Literatura e História. É certo que, em *O Tempo e o Vento*, existe uma linha tênue que separam essas duas áreas do conhecimento humano e científico. Em distintas passagens nos deparamos com personagens reais da história, da cultura, do imaginário e do folclore sul-rio-grandense. Aliás, essa é uma característica marcante de Érico Veríssimo mesmo em outras obras nas quais *Ana Terra* é citada intertextualmente. Refiro-me à obra *Incidente em Antares*. Neste livro, personagens das famílias tradicionais de Antares, os Campolargo e os Vacarianos, dialogam e conhecem personalidades históricas, tais como Julio de Castilhos, Getúlio Vargas, Jânio Quadros, entre outros.

A escrita da História, pelo viés cultural, permite a valorização da Literatura como documento histórico, propiciando novas reflexões e abordagens do passado humano, inserido num determinado tempo e espaço. Isso facilitou para que se tomasse como objeto de estudo o romance *Ana Terra*. Hoje, seguramente, podemos afirmar que Érico Veríssimo foi muito mais que um “contador de histórias” ao anunciar novos horizontes interpretativos. A exemplo de Gilberto Freyre (em *Casa Grande e Senzala*), Veríssimo imprimiu em seus escritos a história de uma região e suas particularidades da língua, paisagem, cultura e cotidiano, sem deixar de lado os tempos difíceis de processos de colonização, recolonização, guerras entre indígenas e portugueses (Guerra Guaranítica) entre os soldados do império brasileiro durante a Revolução Farroupilha (1835-45).

A Literatura está intimamente ligada com as práticas sociais, assim, pode converter-se em uma preciosa ferramenta para o registro dos feitos humanos. Por mais que se utilize de metáforas, ironias e outras figuras de linguagem, a literatura pode refletir a sociedade e, assim, transformar-se em um espelho da realidade sócio-histórica. “A arte é a estilização de uma paisagem interior em que a observação e a experiência do artista deformam e empequenecem o universo para que ele lhe caiba no espírito” (FIGUEIREDO, 2002, p. 23).

Assim, é como se o escritor desenhasse aquarelas de palavras tendo como inspiração o universo em que ele está inserido. Tzvetan Todorov (2009) apresenta a seguinte definição de literatura:

Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada a pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (p. 24).

Antonio Cândido (2011) propõe uma visão que une aspectos externos e internos a obra literária, o macrocosmo do universo é metamorfoseado ao cosmos literário. Ele explica que a obra literária deve ser estudada como objeto estético não como um documento ou um reflexo da realidade, mas não se deve ignorar as conexões entre a literatura e o real.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto *interno* (grifos do autor) (p. 13:14).

Erico Verissimo utiliza-se desta estratégia para construir a narrativa de *Ana Terra*. Em vários momentos, ele mistura personagens ficcionais aos personagens históricos. Um exemplo está na página 11 de *Ana Terra*, quando passa pela estância Rafael Pinto Bandeira, militar que defendeu as possessões portuguesas na Capitania Hereditária do Rio Grande de São Pedro.

[...] quando o último castelhano for expulso [...] vamos ficar donos de todo o Continente, e poderemos ter cidades como na Europa [...] Nesse dia precisaremos de moças bonitas e trabalhadeiras como vossa mercê [...]

Erico Verissimo: Um esboço biográfico

Érico Veríssimo figura no panteão dos mais importantes escritores brasileiros na literatura universal. Por meio de suas obras, a temática regionalista principalmente do Rio Grande do Sul, com toda a sua peculiaridade climática, histórica, cultural e linguística, ganharam ares universais. Uma prova disso é a saga *O Tempo e o Vento*, série literária dividida nas obras *O Continente* (1949), *O Retrato* (1951) e *O*

Arquipélago (1961). Entremeando Literatura e História ou o ficcional com o bibliográfico, o autor logrou êxito com a criação dos personagens que compuseram a árvore genealógica Terra-Cambará. Utilizando-se dessa receita, o escritor utilizou o Rio Grande do Sul como cenário para a construção de personagens enigmáticas, fortes e psicologicamente profundas, caso do Capitão Rodrigo Cambará, de Ana Terra (que merecerá atenção especial ao longo deste trabalho), entre vários outros.

Em *O Tempo e o Vento* o autor constrói o que se pode considerar uma biografia de toda a família Terra-Cambará, desde os seus primórdios, com Maneco Terra, até muitas gerações posteriores, até àquela em que está situado o narrador-personagem Floriano Terra Cambará. No entanto, apesar de fazer uma preciosa construção da história do Rio Grande do Sul, toda a saga é tratada como ficcional, pertencente à diegese (numa concepção *genettiana* da Literatura, a dimensão ficcional da narrativa, ou seja, o mundo ficcional). Em outras palavras podemos dizer que apesar de verossímil, toda a construção narratológica é fruto da imaginação do autor e que o leitor, com seu conhecimento de mundo e repertório de leituras, vai atribuindo sentido ao texto. Assim, ao leitor que detém tal conhecimento, percebe-se a presença de personagens históricas e reais interagindo com personagens ficcionais. O resultado disso, como já elencamos assim, foi o reconhecimento da saga como uma das principais da Literatura Brasileira. Regina Zilberman (2005-2006) deixa clara essa união entre a Literatura e a História na Saga:

O punhal constitui o primeiro de uma série de objetos que se transmitem de uma geração a outra de Cambarás. É, contudo, o único que atravessa o romance das primeiras às últimas páginas. Pedro Missioneiro apropria-se dele ao fugir das missões guaranis, em vias de serem ocupadas pelos soldados portugueses, após a derrocada da experiência catequética dos jesuítas. Pedro, o menino indígena que recebera o nome do rival de Alonzo, como forma de esse purgar sua culpa, é, agora adulto, igualmente o herdeiro do objeto mágico que ligará passado e presente por se transmitir de pai para filho. (p.302).

O punhal, a que se refere a autora é um objeto crucial na construção de toda a narrativa, uma vez que ele perpassa de geração em geração até chegar à última linhagem da família. Neste trecho do artigo “Érico Veríssimo: memória, história e tempo recuperado”, a autora ainda faz menção ao padre jesuíta Alonso e às missões guaranis, elementos que estão dentro da narrativa na forma de ficção, mas que de fato estão presentes na História do Rio Grande do Sul.

Desta forma, embora tenha reconhecimento como um importante escritor de narrativas ficcionais, o talento de Érico Veríssimo não ficou restrito ao terreno da

ficção. Em *Solo de Clarineta* é possível constatar sua aptidão como biógrafo, uma vez que ele constrói uma respectiva de sua própria vida. Porém, logo na contracapa, uma recomendação escrita pelo próprio autor:

Não esperem que estas memórias formem um documento histórico (...) Elas não têm a intenção de fazer nenhum perfil de minha época ou dos meus contemporâneos. São apenas uma história particular – uma história em tom de quase romance mas que vai contada com a maior franqueza. É um livro sincero, que dedico especialmente àqueles que me têm lido durante todos esses anos (VERÍSSIMO, 1976).

Veríssimo tomou a decisão de reunir suas memórias numa obra em um momento oportuno. A primeira edição do livro foi publicada em 1973, apenas dois anos antes de seu falecimento, em novembro de 1975. A obra traz uma auto reflexão do autor a respeito de suas obras literárias, além de situar a trajetória da família Veríssimo dentro de um contexto histórico-cultural dos momentos pelos quais o Brasil passou durante a primeira metade do século XX. A motivação da obra partiu de um sentimento elementar natural em qualquer escrevinhador: a curiosidade.

Senti um dia a curiosidade de descobrir a origem dos Veríssimo. Graças a um amigo dado a pesquisas genealógicas, fiquei sabendo que o ramo brasileiro dessa família de nome superlativo começou no Brasil com o português Manoel Verissimo da Fonseca, natural de freguesia do Ervedal, na Beira Alta. (VERÍSSIMO, 1976).

Foi, portanto, nas terras banhadas pelo Tejo, cuja uma de suas características é o apego e a nostalgia da pátria de quem nasceu por lá, tal qual os gaúchos, onde teve início a trajetória da família Veríssimo. Com esse pontapé o escritor dá início à narrativa que conta a história de sua família, passando por todos os momentos, tanto os negativos, como a bancarrota da família e as dificuldades que a mãe teve para sustentar a ele e aos irmãos, como os positivos, com o seu conagraçamento como escritor internacionalmente reconhecido.

ERICO VERISSIMO E AS MULHERES EM O TEMPO E O VENTO

O projeto de *O tempo e o Vento* de Erico Verissimo surgiu de um Brasil Getuliano que ao longo dos anos veio progredindo e se industrializando sobre a ditadura, e dessa forma o livro se desloca do século XVIII, onde começa o cenário do “Continente”, para o século XX, para a própria realidade em que Erico Verissimo vivia, mostrando a realidade do Brasil e como esse chegou a era Getulio Vargas. E para isso Erico parte do universo rio-grandense, onde começa a aparecer um tipo de Política Caudilhista de Getúlio até o Plano Nacional.

O Continente é um livro composto por três novelas A Fonte, Ana Terra e Um Certo Capitão Rodrigo, que são narrativas independentes mais possuem traços que as unem fazendo com que eles tenham certa unidade. A primeira novela é A Fonte, que trata de um episódio acontecido em um lugar conhecido como Sete Povos das Missões, no século XVIII, no qual a personagem principal é o padre Alonzo que vive nesse local, e encontra uma mulher indígena prestes a dar a luz, a mulher morre, mais o bebe sobrevive, ele é um mestiço e recebe o nome de Pedro o qual cresce forte e saudável e é muito ligado a religião.

A segunda novela de *O Continente* é *Ana Terra*. Ana Terra é a personagem que dá início a história da família Terra.

A partir de então, Ana se torna o ponto em torno do qual orbitarão os principais eventos e também tornar-se-á a grande responsável pela continuidade da família, que se funde posteriormente, em Terra-Cambará. (BORGES, 2008, p. 239).

Pedro, personagem apresentado no capítulo anterior, é encontrado por ela ferido na mata e acaba se tornando empregado de seu pai. Ana Terra desenvolve então um forte sentimento de desejo pelo mestiço, que acaba ocasionando sua gravidez. A reação de seu pai ao descobrir o ocorrido é muito violenta, ele ordena aos filhos que levem Pedro para longe da fazenda, mas Ana sente que na verdade eles o mataram. Anos depois, a fazenda é atacada por castelhanos, todos os homens da família são mortos e Ana Terra estuprada. A protagonista sobrevive com a cunhada e o filho, o grupo consegue ajuda para escapar da região. Elas se estabelecem na região de Santa Fé.

A terceira novela é *Um Certo capitão Rodrigo*, tem início com a chegada do capitão Rodrigo a Santa Fé. O protagonista se apaixona por Bibiana Terra, neta de Ana Terra, apresentada no capítulo anterior. Porém, a moça tem como pretendente o filho do homem mais importante da cidade. Além disso, o pai da jovem não simpatiza com o capitão. No entanto, Rodrigo faz tudo o que está ao seu alcance para permanecer na cidade e se casar com Bibiana, entrando inclusive em um duelo com seu rival, que covardemente o atinge com uma bala. Recuperado do ferimento, Rodrigo consegue o consentimento para se casar com Bibiana e abre um armazém com o irmão da moça. O casamento ia bastante bem até que com o tempo e a chegada dos filhos, Rodrigo perde parte do interesse pela mulher, começa a beber muito, a jogar em excesso e a manter amantes. O protagonista morre no fim da narrativa envolvido com outro conflito bélico: a Guerra dos Farrapos.

Em cada uma de suas narrativas Erico deixa bem claro a importância do papel feminino na sociedade da época. De acordo com Carla Rosane da Silva Tavares (2011), o estudo da trilogia *O tempo e o vento*, do escritor cruz-altense Erico Veríssimo, analisando o papel da personagem feminina, a partir da história narrada e da instância do narrador. Para tanto, contrasta-se o perfil da mulher com o do homem, verificando-se as funções assumidas, no contexto literário, a partir do que se estabelece uma análise comparativa com o momento histórico-social em que se apresenta essa figura feminina e suas implicações estéticas.

Erico mostra que mesmo não tendo uma voz ativa a mulher era de fundamental importância na construção histórica, que de alguma forma conseguia mostrar a sua visão mesmo sendo um tanto quanto submissa estava sempre dando o suporte às ações protagonizadas pelo homem. Pode-se observar assim a força da mulher agindo como um eixo necessário para a continuação das atividades do homem no campo sociopolítico.

ERICO VERISSIMO: E ANA TERRA (MULHER)

A personagem Ana Terra é dotada de uma simbologia intensa. Na obra, Veríssimo a retrata como uma mulher forte, batalhadora e destemida.

Ana Terra representa um dos pontos mais significativos da figura da mulher e do ser humano, tem-se por certo que o fato de alguém tomar corajosamente o destino e a história em suas próprias mãos é o máximo de liberdade. (Sauthier, 2008, p. 60-61).

Ana Terra é marcada pela solidão e pela sensação de infelicidade de ter de viver em um lugar longe de tudo e de todos, perdida no mundo das terras de seu pai Maneco Terra, onde o tempo só é percebido pela mudança na natureza, às estações do ano, o dia pelo nascer do sol e a noite pelo escurecer. A família não tem calendário, rádio ou qualquer outro objeto que os possa manter informados do que acontece ao seu redor e tudo o que tem é a garra para continuar lutando. A natureza, ademais de ser um mecanismo para marcar o tempo psicológico e cronológico, também é utilizada para que Ana faça a medição de suas sensações. “Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando” (Verissimo, 2005, p.07). O mesmo vento que lhe bate na face nos momentos mais importantes do livro, é um personagem quase onipresente ao longo da narrativa. “Em certas noites Ana ficava acordada debaixo das cobertas, escutando o vento, eterno viajante que passava pela

estância gemendo ou assobiando, mas nunca apeava de seu cavalo”, (Verissimo, p. 08).

Portanto, Ana Terra era uma pessoa presa em sua liberdade, vivendo na imensidão das terras de seu pai de onde não via nem um futuro para si, e com o passar dos anos cada vez isso estava ficando mais claro.

Vivia com medo no coração, sem nenhuma esperança de dias melhores sem a menor alegria... Tudo isso por quê? Porque era a sua sina. Mas uma pessoa pode lutar contra a sorte que tem. Pode e deve (Sauthier, 2008, p. 61).

Mas a vida não podia continuar assim por isso Ana Terra seguiu com pulso firme e gana de continuar em frente com a certeza que um dia tudo ia melhorar. E de fato começa as mudanças com a chegada do índio Pedro Missioneiro.

De súbito ali ao pé do poço Ana Terra teve a impressão de que não estava só...Ela não via ninguém, mas sentia uma presença estranha...Sentia que o perigo vinha da outra margem...Sentia mas não queria erguer os olhos. Com o coração a pulsar-lhe surdamente no peito, ela esperava...Quando caiu em si estava olhando para um homem estendido junto da sanga, a umas cinco braças de onde se encontrava (Verissimo, 1994, p. 13).

No início ele só ficaria até melhorar, mas, logo se acostumam com ele e ele vai ficando na estância, e toda a rotina monótona da família terra, começa a mudar, pois Pedro mesmo não conseguindo se comunicar bem com eles, por falar espanhol, com o passar do tempo acaba se mostrando prestativo nos trabalhos dentro da casa, e acaba ganhando a confiança do patriarca da família para morar com eles. Para Pedro, é concebida uma cabana ao fundo do quintal dos Terra, e ali ele passa a viver os próximos dias de sua vida.

Ana nunca se apaixonou por homem algum, sempre viveu isolada deles, nunca se embelezou para um ou ao menos chegou a tocar algum. E devido a isso, a chegada de Pedro a abala aos poucos, e Ana começa a sentir sentimentos novos, indescritíveis que aos seus 30 anos começam a relutar dentro dela. Ela começa a criar um ódio repulsivo e inexplicável do índio, muitas vezes quer que ele vá embora, mas com o passar do tempo, acaba decaindo aos encantos dele.

Os dias seguintes são de tensão, ela sabe que futuramente não poderá esconder a barriga e decide contar a mãe dela, entretanto, o pai de Ana acaba escutando a história toda e se revela.

Pai e irmãos de Ana saem a noite com facões e foices, e desaparecem com Pedro. Em momento algum o autor diz que o índio está morto, mas sempre faz questão de deixar isso implícito. Com o passar do tempo, o filho de Ana nasce,

entretanto para o pai e os irmãos de Ana, ele não existe, o tratam como um nada dentro da casa.

No entanto, apesar dos problemas familiares, ela continua subserviente aos sabores do destino, vivendo os dias como se cada um fosse a continuação do outro, apenas com a noite separando fatos rotineiros do passado e os do futuro. Porém, enfrenta essas adversidades com força e determinação. Mesmo quando os castelhanos invadem a estância de Maneco Terra e liquidam todos os homens da família, é ela quem salva o filho, a sobrinha e a cunhada. Esse trecho é crucial para a narrativa, uma vez que marca a decisão de Ana Terra de sair da estância em que basicamente (sobre) viveu para servir à família e passou a pensar nela própria, indo viver noutra fazenda a qual estava se transformando em vila, nas terras do Coronel Ricardo Amaral. É esta a vila na qual Ana Terra passará o restante de sua vida e onde será o mesmo cenário do livro seguinte da saga, *Um Certo Capitão Rodrigo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este trabalho procuramos refletir sobre a figura da mulher na obra de Érico Veríssimo. Por se tratar de uma bibliografia bastante vasta e que vai desde romances de ficção a até relatos de viagem, optamos por adotar como *corpus* literário a obra *Ana Terra* por imaginarmos, numa primeira leitura, que a protagonista, por si só, já representaria a figura da mulher na produção do autor rio-grandense. Figura essa que não podemos considerar estereotipada, nem como símbolo de fraqueza. Pelo contrário. É uma personagem que denota uma intensa força interior o que contribui para a riqueza da narrativa.

Mesmo em momentos difíceis, como durante o ataque dos *castellanos* a estância do pai e o abuso sexual sofrido, ela demonstra força e coragem para continuar sobrevivendo e lutando contra os sortilégios da vida. “Ana sentiu que lhe erguiam o vestido. Abriu a boca e preparou-se para morder a primeira cara que se aproximasse da sua” (VERÍSSIMO, 2005, p. 65). Logo depois ela desmaia e assim que retoma os sentidos sai em busca do filho, da cunhada e da sobrinha, todos seguros, estrategicamente escondidos por ela, mata adentro.

Trechos como o descrito acima, em que a personagem sofre o abuso sexual e mesmo assim não se entrega sem lutar, demonstram sua intensidade. Some-se a isso

o fato de que deixa a estância onde havia passado boa parte de sua vida para um novo lugar, procurando vida nova.

Desta forma podemos concluir que Ana Terra, a exemplo de outros personagens do universo literário de *O Tempo e o Vento*, fogem do que Sauthier (2008) chama de *destino determinista* (grifos nossos). Determinismo no sentido de que tudo no universo, até mesmo a vontade dos homens, está abaixo de leis necessárias e imutáveis, de tal forma que o comportamento das pessoas está totalmente (pre) determinado pela natureza e o sentimento de liberdade não passa de uma ilusão subjetiva. É contra isso que lutam os personagens de Érico Veríssimo, especialmente Ana Terra:

(...) na própria força intrínseca da liberdade. Esta não subsistiria nem como conceito nem como realidade diante da aceitação dum destino determinista. Isto aparece claramente em Juca Cristo, em Rodrigo e, sobretudo, em Ana Terra, em Bibiana, em Sílvia e em Floriano. Liberdade é a autoconsciência enquanto capaz de assumir responsabilidade. Ora, tal capacidade de responsabilização seria impossível se viesse a ser admitida a aceitação dum destino determinista. Logo, EV pelo seu próprio conceito de liberdade rejeita a idéia do destino determinista (SAUTHIER, 2008, p. 62).

É a fuga desse destino predeterminado, desse onde os dias parecem ser uma extensão do outro e o tempo é medido pela intensidade do vento, a localização do sol ou as estações do ano, a engrenagem que move a personagem principal deste romance e o que a motiva a busca pela liberdade.

Referencias bibliográficas

- BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em *O tempo e o vento* de Érico Veríssimo. *Eletras*, vol. 18, n.18, jul.2009.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. *Arte e Realidade*. In: TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- SAUTHIER, Ademar Agostinho. *Liberdade e Compromisso*. Porto Alegre, 2008.
- TAVARES, Carla Rosane da Silva, “O tempo e o Vento: a representação da mulher”. In: *Anais do XVI Seminário Institucional de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNICRUZ*. Porto Alegre. 2011.
- TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VERISSIMO, Érico. Ana Terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.